

De quintal em quintal ao centro de evacuação

— trajectória de um jovem a mais na cidade

Vagueando, primeiro, de quintal em quintal à procura de quem aceitasse os seus serviços em troca de pão, e, depois transformando-se em biscateiro, um jovem de Xai-Xai, 21 anos de idade, viveu durante quatro anos na Capital numa situação de verdadeiro parasita. Mas isso, acabou a partir do dia em que ele, indocumentado, foi conduzido ao Centro de Evacuação do Bairro do Fomento logo que no Posto de Verificação se concluiu que estava a mais na cidade de Maputo.

Trata-se de João Albino Macuácuá, natural da localidade de Limpopo, em Xai-Xai, província de Gaza. Não gosta de falar com as pessoas, porque isso seria contradizer o sentido da educação que recebeu da mãe, à custa de um bom par de valentes sopapos, segundo ele, quotidianos.



João Albino Macuácuá

Quando fala, com irritante monotonia e seco de gestos como uma árvore despida de folhas, João Macuácuá denuncia uma timidez fechada, em forma de pavor. Como lhe faltam palavras (mesmo em changana) para contar a sua vida de miséria agarrada ao corpo estarrapado e acinzentado de frio, o jovem utiliza os termos mais grosseiros que aprendeu.

Quando era criança estudou e fez a 2.ª classe. Depois foi guardar a machamba da mamã contra as investidas dos passarinhos. O pai é por ele praticamente desconhecido porque é um homem do John e só poucas vezes apareceu em casa, para deixar a mamã com outra grávida. Isto foi até fazer três filhos juntamente com o próprio João o quarto a mamã arranhou assim, assim, diz ele dado que marido e mulher separaram-se há muito tempo.

— Meu irmão, que estava cá em Maputo, chamou-nos nos fins de 1979, a mim, a mãe e mais duas crianças mais novas da mamã, para irmos viver com ele. Aqui ele trabalhava na oficina de Tsinini, onde se fazem camas, latas, fogões, enxadas...

— Trabalhava? Já não trabalha? — perguntámos.

Não. Já não trabalha, porque foi preso pouco depois de ter mandado vir os familiares de Xai-Xai. Antes desta prisão, João Macuácuá foi posto, pelo irmão, à disposição de um senhor que precisava de empregado de quintal, com o salário de 400,00 meticals por mês.

— Como estava no quintal do senhor, não sei por que é que o meu irmão foi preso, mas sei que ele está a cumprir a pena em Nampula. Parece que não vai sair agora assim.

Os 400,00 MT do quintal do senhor não chegavam para sustentar à si próprio, a mãe, os dois irmãos mais novos e a cunhada, todos na mesma casa. De modo que João Macuácuá, o único que trabalhava, resolveu ir à procura de um outro serviço de quintal que lhe desse mais pão.

A sorte não subiu tanto no outro quintal — 600,00 MT, mensais — peio que João foi procurar mais quintais. Até que cansado decidiu dedicar-se ao corte de lenha ou à venda esporádica de carvão. O negócio dava-lhe mais ou menos 700,00 MT num mês.

— Noutro mês, não tinha dinheiro, porque às vezes não fazia negócio...

— Mas você ainda não mencionou uma única importância que desse comida a si e muito menos a toda aquela gente que ficou a sustentar! Como é possível...? — inquirimos.

— Sim... também sei fazer poços de antiha... mas também isso não conta muito, porque só fiz três e apenas quando alguém pedia...

— Dinheiro para comer, vestir, donde vinha? — insistimos.

Segundo João Macuácuá, a mãe e a cunhada oferecem os seus trabalhos, uma vez a outra, em machambas alheias, em troca de vestuário e mesmo de comida. Depois, o próprio João também cortava caniço para vender. É preciso ainda ter em conta que a mamã tem outro homem, mas também ele está aqui e vai ser evacuado como eu.

Por coincidência (?) o amante da mãe chama-se Albino Macuácuá que é igualmente o nome completo do pai verdadeiro de João que está no John.

Só que não é provável que este segundo Albino Macuácuá, que entrou na vida da mãe de João, constitua fonte de receita para aquela numerosa família.

Isto porque ele, («Albino Macuácuá II») faz invariavelmente uma coisa todas as vezes que apanha «tacos»: vou beber thonthonho, até furar os bolsos — revelou à nossa Reportagem.

Já dissemos que este homem também está no Centro de Evacuação do Fomento, por se tratar de um parasita que deve abandonar, à força, a cidade de Maputo, por voluntariamente não se ter inscrito.

Agora vai ser integrado, noutro ponto do País, em tarefas produtivas. Com uma situação bem definida que não o obrigue a andar de quintal em quintal ou a prestar por vezes serviços duvidosos.